

“Não é só cabelo, é também identidade”: transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro.¹

Lídia De Oliveira Matos PPGA/UFS

Palavras-Chave: Cabelo, Identidade, Política.

Resumo

O momento político vivido no Brasil tem propiciado uma eclosão de movimentos com demandas mais particulares, diferente dos movimentos sócias da primeira onda, que reivindicavam direitos amplos que beneficiariam a sociedade como um todo a exemplo das lutas sindicais, por moradia, saúde e educação. Temos acompanhado um movimento que reúne mulheres em torno do cabelo, que tem modificado os sentidos atribuídos a luta, afirmação, beleza e negritude

Propomo-nos a refletir sobre os desdobramentos do movimento de transição capilar que através de um chamariz estético tem reunido atores em torno de lutas políticas que ocupam as ruas e a internet, faremos isso principalmente a partir dos relatos de mulheres que passaram pelo processo e da etnografia produzida nas observações dos eventos organizados e publicitado através do grupo no facebook Cabelos crespos e cacheados Aracaju.

O cabelo sempre foi uma das partes do corpo que recebeu grande atenção, é responsável pela composição do visual, realçando, reforçando ou minimizando traços fenotípicos. A transição capilar se caracteriza por um momento em que se abandona o uso de químicas que transformam a estrutura do cabelo e passa a usá-lo em sua forma “natural”, esse processo não ocorre sem conflitos, dilemas e reconfigurações que desemboca em uma transformação na auto percepção, nossa análise se volta principalmente para as mulheres que se organizam em torno da luta pela aceitação da estética negra, tendo como símbolo desta os cabelos crespos e cacheados.

O uso do cabelo como forma de expressão do estilo e gosto pessoal e também da identidade não é uma estratégia nova, já era utilizada pelo movimento negro americano

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

dos anos 60 como símbolo de luta, resignificando a elaboração identitária através do uso dos blacks powers.

Esse movimento de transição capilar que nos propomos a analisar, se organiza através de grupos no facebook e outras redes sociais, tem conhecimentos compartilhados através do youtube e ocupam as ruas em marchas e encontros que publicitam e atraem a atenção das pessoas fortalecendo e buscando modificar os padrões de beleza, lutando contra o racismo e pela aceitação da beleza negra.

Assim me interessou perceber quais os sentidos que estavam e estão sendo atribuídos a esse cabelo, como esse sinal diacrítico está sendo disputados, quais os conhecimentos que são adquiridos nesse processo de transição capilar, como a transição capilar altera a forma como as mulheres se veem, buscando entender também como elas se reúnem em grupo e promovem uma luta política utilizando um referencial estético.

A etnografia nos permite perceber as nuances desse processo como ele afeta as trajetórias das participantes modificam a sua auto percepção e propõe uma outra forma de se perceber como mulher negra.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos acompanhado a crescente utilização das redes sociais possibilitada pela ampliação do acesso e uso da internet, esse fenômeno cria pontes entre diferentes pessoas de distintos contextos e trajetórias que se aproximam por compartilharem gostos e interesses.

É dentro desse contexto de crescimento dos usos das redes sociais que localizamos esse estudo, onde o objeto empírico só foi propiciado pelo uso dessa ferramenta, buscamos aqui analisar as concepções de identidade produzida por mulheres que vivenciaram ou de alguma forma se relacionam ao processo de transição capilar e como este processo de auto percepção modifica, reforça ou as insere em práticas políticas distintas.

As informações utilizadas nessa análise foram recolhidas de blogs, canais do youtube, páginas do facebook, e da participação nos encontros e reuniões promovidos para celebrar, trocar e discutir sobre os cabelos crespos e cacheados, nesses espaços contíguos são compartilhados conhecimentos, informações e posicionamentos sobre como é ser uma mulher negra, como o processo de transição capilar propiciou a descoberta ou redescoberta da sua beleza negra e como trouxe luz a situações de preconceito e discriminação até então não percebida.

Nos propomos fazer uma análise comparando alguns entendimentos teóricos sobre a construção das identidades e a forma como essas mulheres tem produzidos os seus entendimentos, percebendo as identidades como aglutinadoras e refletindo diretamente nas práticas políticas, demanda por direito e desejo em modificar mentalidades, no tocante a alteração de comportamentos e pensamentos sócias que desembocam em práticas excludentes.

Iniciaremos caracterizando a transição capilar, o que viria a ser esse momento e como ele é fundamental na alteração de pensamentos e trajetórias, apresentando como se dá a produção e publicitação dos conhecimentos relacionados a esse cabelos nas diversas redes sociais, e estes não apenas os cuidados com os cabelos, como também saberes informados pelo Movimento Negro e o Feminismo.

Em seguida, abordaremos as construções de alguns teóricos de como as identidades se constroem e como se apresentam nesse contexto de globalização, em um panorama comparativo com um momento anterior de precariedade no acesso de informações e conhecimentos vindo de diferentes partes do mundo.

Buscaremos demonstrar como essas mulheres tem construído seus entendimentos sobre as suas identidades, sabemos que são diversas as formas de perceber as identidades, mas para fins analíticos ressaltaremos os pontos em comum e aqueles que apresentam um maior peso na forma como as práticas políticas são entendidas, finalizando com algumas considerações acerca da análise proposta.

As inquietações aqui apresentadas são fruto da pesquisa que venho desenvolvendo no Programa de Pós Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Sergipe, onde no mestrado tenho buscado perceber fenômenos relacionados ao processo de transição capilar e ao uso dos cabelos crespos e cacheados.

1- Reflexões acerca dos Cabelos e transição capilar

O interesse em analisar o processo da transição capilar, que venho percebendo como um momento que altera a forma como a mulher se percebe e como percebe as relações em seu entorno, se deu a partir da minha experiência com o meu cabelo, onde no ano de 2013 não pude fazer uso dos tratamentos com os quais estava habituada desde a infância que alteravam a estrutura dos meus cabelos através de processos químicos e precisei conhecer qual a textura e forma dos meus cabelos nascidos e crescidos sem o uso de nenhum processo de modificação.

Nesse momento conheci através da indicação de uma amiga o canal de youtube da vlogger Rayza Nicácio² que apresentava produtos, técnicas de cuidados e penteados para o cabelo crespo e cacheado, que era chamado também de cabelo natural, a partir desse momento comecei a acompanhar outros canais de youtube e vários conteúdos sobre os cabelos em outras redes sociais.

Entrar em contato com esses conteúdos e participar dos encontros promovidos pelas moderadoras do grupo no facebook Crespas e cacheadas Aracaju, me levou a perceber que não somente técnicas e produtos eram apresentados, haviam também questionamentos sobre aceitação e auto estima da mulher em uma sociedade que impõe

² <https://www.youtube.com/user/rayzabatista>

um padrão de beleza inalcançável, além de reflexões acerca da condição do negro na sociedade brasileira, feminismo, veganismo e muitas outras questões que poderiam ser analisadas através do escopo teórico e metodológico da antropologia.

A transição capilar é um momento onde se deixa de usar químicas de transformação mais conhecidos como alisamentos, relaxamentos, escovas progressivas e passa a cuidar dos cabelos com produtos industrializados ou naturais lidando com a sua própria curvatura, para muitas mulheres não é um processo simples, pois o cabelo fica com duas texturas totalmente diferentes e isso afeta diretamente a autoestima, fazendo com que elas se sintam feias.

Um momento importante no processo é o *Big chop* (grande corte), onde toda parte com química é cortada ficando apenas o cabelo nascido, normalmente os cabelos ficam curtos e muitas mulheres sofrem por não se aceitarem com um cabelo que está fora dos padrões de beleza impostos, os cabelos crespos ou cacheados e curtos.

O alisamento capilar é uma prática muito comum entre as mulheres que muitas vezes tem início na infância e é levado no decorrer da vida, muitas dessas não se reconhecem como negra e negam essa estética, por não ser a que é considerada bela. Essa prática por muitas vezes ocorre no ambiente familiar e é aplicada pela mãe ou alguma parente próxima, há um esforço para mantê-lo em sigilo no intuito de sermos confundidas com mulheres que já nasceram com esse tipo de cabelos.

Os cabelos também auxilia no reforço das hierarquias sociais. Dentro do contexto americano escravocrata, os negros que possuíam cabelos mais lisos eram mais bem vistos do que os que tinham a textura crespa, por isso o alisamento da fibra era necessário para que estes se aproximassem dos fenótipos das pessoas de pele clara e fossem mais bem aceitos (QUINTÃO, 2013, pg.17).

É interessante o que aponta a feminista negra Bell Hooks no texto “Alisando o nosso cabelo” (2005) onde essa prática era interpretada pela autora quando criança como um rito de passagem para a vida adulta, naquele momento a questão não era colocada como uma forma de minimizar os traços fenotípicos da mulher negra.

Mas com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos nos anos 60, os cabelos passam a ser percebidos como uma parte do corpo onde a imposição do padrão

de beleza branca se expressa de modo impositivo, é aí que muitos militantes passam a usar os *Black powers* como símbolo de afirmação da negritude.

As pesquisas desenvolvidas na dissertação de mestrado de Adriana M. Penna Quintão (2013) demonstram, através de uma análise etnográfica, os rituais de cuidado e modificação dos cabelos fazendo o uso de permanente afro e alisamento capilar que mulheres negras e brancas se submetem, na busca de uma autoimagem que esteja inserida nos padrões estabelecidos pela mídia e no que é entendido como um belo cabelo³

No campo de produção antropológica, não são recentes os estudos que têm como objeto os cabelos. Os primeiros antropólogos colecionavam exemplares destes a fim de estabelecerem comparações entre os diferentes grupos humanos, a antropométrica utilizou-se dos cabelos como forma de identificação das raças, diferenciando as texturas dos cabelos, facilitando as categorizações utilizando um método menos invasivo que as tomadas de medida de outras partes do corpo.

Em 1958, Edmund Leach escreve para o “*Journal of the Royal Anthropological Institute*”, um artigo chamado “*O cabelo Mágico*” (in: DA MATTA, 1983), em que faz as suas considerações sobre o papel social dos cabelos a partir de estudos anteriores, percebendo que esses funcionam como forma de linguagem e a eles são atribuídos múltiplos sentidos dentro dos grupos. Os cabelos estão associados a ritos de passagem, rituais de convivência e interação.

No Brasil alguns documentários foram produzidos discutindo a temática do cabelo afro, a transição capilar e a identidade negra, alguns deles são: “O lado de cima da Cabeça” (2014) pela estudante de comunicação Naira Soares; a cineasta Yasmin Thayná também roteirizou e dirigiu o documentário “Kbela” (2015) baseado no conto Mc Kbela⁴, a cineasta retratar a busca por empoderamento da mulher negra residente em periferias.

³ Como afirma Quintão (2013): “... *O que ambos os discursos para negras e brancas têm em comum é o da disciplinarização do cabelo, almejando uma imagem 'natural' porém 'controlada' para ambas as etnias. O cabelo cacheado- com cachos grandes e 'comportados'- é percebido como 'natural' para mulheres negras, enquanto o cabelo liso- mas com algum movimento- é percebido como 'natural' para as brancas. Para alcançar tais imagens 'naturais', as mulheres se submetem a verdadeiros rituais, não medindo esforços para alcançar seus ideais de beleza, sacrificando assim seus orçamentos e até mesmo sua saúde e bem estar (Quintão, 2013, 24).*”

⁴ Conto disponível no link https://issuu.com/yasminthayna/docs/mc_k-bela, entrevista com a Cineasta Yasmin Thayná <https://www.youtube.com/watch?v=sk1FEb-p81o>

Na televisão programas de variadas emissoras tem convidado youtubers e participantes de coletivos com o “Meninas Black Power” para falarem sobre os seus cabelos.

Hoje em dia temos à nossa disposição uma gama de produtos a serem utilizadas para embelezar os cabelos, como também técnicas diversificadas. A Internet tem se tornado uma fonte de produção de conhecimento, demonstração de produtos e técnicas de cuidados para os cabelos.

Zago (2010) aponta que nos anos que seguiram ao surgimento das *webs* páginas, por volta dos anos de 1990, estas eram pouco atualizadas, mas com o crescimento do acesso e a diversificação dos produtores de conteúdo, vemos uma mudança neste panorama⁵

Vendo a Internet como um espaço de produção de conhecimento, exposição de diferentes formas de ver o mundo, compartilhamento de conteúdo, as blogueiras⁶ e vlogueiras, na sua maioria mulheres a utilizam para defender do uso do cabelo na sua textura natural, principalmente os cabelos crespos e cacheados. Tal fenômeno está inserido em um discurso de aceitação e valorização da estética africana.

2- Raça, Nação e Etnia bases para as identidades?

Nesse tópico relacionaremos entendimentos sobre raça, nação e etnia percebendo como estes foram compreendidos como aspectos fundantes das identidades, estas territorializadas e enraizadas, neste momento as identidades estavam muito mais ligadas as nação e grupos que tinham uma forte relação com o espaço territorial ocupado, onde a preocupação era a busca pelos fatores que manteriam a nação unida, então atentar para os aspectos sociais e culturais, exaltando aqueles que era comum a todos os participantes era uma estratégia.

Aqui buscamos perceber como as identidades individuais estavam diretamente atreladas a algo mais englobante que seria a ideia de nação, por isso analisaremos algumas questões com relação a formação da ideia de nação e seu reflexo sobre a identidade.

⁵ “Ao invés de serem lugares para se visitar, as páginas da web passaram a se tornar plataformas de interação, espaços abertos os quais permitem que qualquer um possa não só consumir como também produzir conteúdo” (Zago, 2010, pg.2).

⁶ Blog. Para Zago blogs são definidos como: “... veículos de publicação digital no quais um ou mais autores publicam textos, geralmente sobre uma temática específica e de forma frequente” (2010, pg.2). Sendo assim os produtores dos conteúdos que alimentam essas páginas são conhecidos como blogueiros (a).

As discussões sobre etnicidade por muito tempo esteve permeado por um entendimento biológicos, no sentido de reunir os indivíduos a partir dos seus caracteres fenotípicos e estes refletirem na percepção sobre a sua potência intelectual. As desigualdades entre as raças foi um dos fatores que justificaram as colonizações das Américas, África, a Ásia e Oceania pelas nações europeias, que se consideravam, em seu tempo, superiores por seus padrões de organização social e política, sendo o seu conteúdo biológico uma das razões para esse desenvolvimento.

Steve Fenton (2005) demonstra o percurso histórico do termo raça a partir do Oxford Reference Dictionary, primeiramente visto no sentido de “criação”, pessoas vindas de um ancestral comum ou família original, isto no século XVI, em 1600 relacionava as pessoas de uma determinada localidade como advindos de uma mesma raça, mas no final do século XIX e início do XX orientava a hierarquização dentro da humanidade, baseado em estudos científicos tendo como resultados as diferentes capacidades, em 1950 o termo entra em declínio e em seguida vai sendo abandonado, isso por conta do seu conteúdo discriminador.

A noção de raça em seu sentido biológico, pressupondo uma heterogeneidade entre os diferentes não consegue sustentar-se como definido as diferentes etnias, já que de fato as diferenças são muito mais fenotípicas do que um conteúdo biológico exclusivo, Cunha (2009) mostra como ela foi substituída pela noção de cultura, esta aprendida socialmente, mas sendo diversa em cada lugar.

A impossibilidade de perceber a nação como constituída por uma raça pura, levou o filósofo e historiador francês Ernest Renan a refletir sobre essa questão em uma conferência proferida na Sorbonne em 1882 intitulada “O que é uma nação?” (Renan, 1997). Renan se afasta de algumas justificativas para a formação de uma nação como o laço biológico que não seria suficiente para manter as pessoas unidas em um nação, ele demonstra que a língua também não consegue manter unida as pessoas pois ela não é única, muitas vezes uma língua oficial se constitui a partir de uma imposição das instituições transformando outras línguas faladas em dialetos ou suprimindo-as até o seu desaparecimento.

A religião e a geografia também não seriam fatores suficientes para manter unida a nação, pois a primeira seria uma questão de foro mais pessoal, e as características naturais não definem as fronteiras, essas são criadas e expandidas através de processos de

conquistas. Comentando esta conferência de Ernest Renan no primeiro capítulo do livro “Teorias da Etnicidade” Poutignat e Streiff-Fenart (1998, pg. 36) acentuam:

“A atualidade do texto de Renan está em seu antiessencialismo: na base de formação das nações, encontra-se uma série de fatos contingentes, de divisões artificiais, de casos de conquistas, e de modo algum um princípio necessário ou natural... Para Renan, a nação enquanto entidade política constrói-se, então, não a partir do grupo racial ou étnico, mas frequentemente contra ele...”

Para Renan o que mantém a nação coesa é o legado histórico adquirido, desejo de se viver junto motivado pelas semelhanças e o esquecimento, como vemos em suas palavras “... Ora, a essência de uma nação está em que todos os indivíduos tenham muito em comum, e também todos tenham esquecido muitas coisas” (pg. 162). O esquecimento é fundamental para que as memórias da violência sofrida pelos povos dominados não promova a desagregação, o desejo do viver em sociedade é colocado aqui como intrínseco dos seres humanos, e o legado histórico ancora a nação, nesse caso as nações europeias, em seu passado de glória e orienta o futuro de continuas conquistas.

No Brasil as primeiras teorias que refletiam sobre a formação da nação viam a miscigenação como um fator que poderia dificultar o desenvolvimento, no século XIX se buscava uma pureza racial, já que a mescla de indivíduos com padrões genéticos distintos causaria a degeneração. A impossibilidade da existência de uma raça pura, já que em todos os lugares pessoas com diferenças fenotípicas estão em contato e as estratégias de manter um afastamento baseado nelas se mostram falhas, levou os teóricos a repensar a questão da mistura e o desenvolvimento do Brasil, onde nos anos 30 autores como Gilberto Freyre vão ressaltar a Democracia racial existente no país como algo positivo. (Shwarcz, 1999)

Na análise de Manuela Carneiro da Cunha sobre a substituição do conteúdo racial pelo cultural, uma questão que ela levanta é a aculturação, já que as diferentes culturas habitavam o mesmo território, esta situação ressaltava a diversidade cultural e promovia a troca e perda de conteúdos culturais exclusivos, nos contextos pós-coloniais as culturas não europeias eram vistas como empecilho para o desenvolvimento das nações, onde era necessário o desaparecimento dos “tribalismos”, mas as tentativas de uniformização cultural das nações foram frustradas, pois apesar da imposição de várias estruturas que

propiciam a homogeneização como o sistema educacional, a língua oficial, uma história comum, as diferenças étnicas continuam visíveis.

A Etnicidade não está centrada em aspectos essencialistas como a biologia, ou uma cultura estanque, como mostra Cunha (2009), a cultura está sempre se modificando pois está em contraste com outras, utilizando símbolos e sinais diacríticos, como a língua que demarca a sua diferença e media a sua relação com a sociedade, para ela “a etnicidade pode ser mais bem entendida se vista em situação como uma forma de organização política” (pg.244) a partir das retóricas produzidas os grupos acionam dentro da arena política a sua condição muitas vezes de minoria, reivindicando o acesso a meios que propiciem sua sobrevivência em sociedades.

A etnicidade seria assim apreendida dentro dos contextos onde elas são ativadas como é ressaltada na postulação feita por Steve Fenton (2005):

“... os grupos étnicos não são concretos e substanciais como se possa pensar, ao mesmo tempo que insistindo em que há alguma coisa a observar, essa alguma coisa tem a ver com os termos de ‘descendência cultura’ e com as circunstâncias, muitas vezes políticas, em que as comunidades definidas pela descendência e pela cultura se tornam num ponto de referência para a ação política. Etnicidade é um termo abrangente que denota essa dimensão da descendência e da cultura e como elas são mobilizadas para sustentar definições públicas de grupos e fronteiras entre eles; não constituem, por si só, explicação de nada.” (pg. 17)

Em Max Weber (2000) a comunidade Étnica como a nacional estaria perpassada por uma crença em uma origem comum, no sentido de compartilharem um mesmo conteúdo biológico, como também de estarem unidos por uma história fundacional, pela língua, alimentação, costumes e hábitos. Uma das principais distinções entre a comunidade étnica e a nacional seria a capacidade da primeira manter os seus membros mais unidos por uma suposta homogeneidade, enquanto a segunda é mais ampla possuindo dentro de si fortes estratificações sociais. Mas o sentimento de pertencimento tanto pode propiciar a agregação e o seu contrário, a falta de identificação, resultar em repulsão.

Nas palavras de Cunha (2009, pg. 237) “...as comunidades étnicas [como formuladas por Max Weber] podiam ser formas de organizações eficientes para resistência ou conquista de espaços, em suma, que eram organizações políticas...”. Desse

modo sempre está colocada uma tensão entre as comunidades étnicas e a nação envolvente, por essa segunda não encontrar meio de lidar com todas as diferenças, enquanto as primeiras possuem projetos políticos próprios e lutam pela aceitação e execução desses.

O contato entre as culturas é uma questão que está sempre colocada, uma forma de olhar os grupos étnicos que provocou uma revolução na forma como estes viam sendo estudados foi o trabalho de Frederik Barth (1998), diferentemente das questões que eram postas onde se buscava perceber os fatores de contraste dos grupos que terminavam por isolá-los, Barth observa as fronteiras, é neste lugar que as características culturais se afirmam em um processo de identificação contextual, o fenômeno étnico não é visto mais isolado, mas dentro das relações.

Os sinais ou signos diacríticos que demarcam as diferenças, garantem a distinção entre os grupos e são acionados quando em face do contato, orientando as atitudes dos indivíduos a partir do seu conteúdo étnico, esses códigos orientam as diversas relações como os matrimônios, trabalho, a absorção de outros, mas essas não são estanques, vão se alterando com o passar do tempo, a penetração de estrangeiros dentro do grupo e a interdependência entre os vizinhos não é vista como um fator que pode levar ao desaparecimento de algum deles mas propicia sua perpetuação. Dentro das relações se busca quais os traços diacríticos que serão acionados, pois estes necessitam ser comparáveis dentro da sociedade mais ampla, portanto, a escolha deles não é arbitrária.

Percebemos então que a construção indenitária ocorre dentro de certos contextos mediados pelo contexto histórico, social e cultural, é neste ponto que a reflexão feita por Stuart Hall no livro “A identidade cultural na pós- modernidade” (2014), nos auxilia na reconstrução dos percursos das identidades representando-os através de três sujeitos, primeiramente o sujeito do iluminismo, seguido pelo sujeito sociológico e por último pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo era constituído por uma essência do seu “eu” que já nascia com ele, dotado de racionalidade, esse indivíduo “nasce” historicamente no século XVI e se fortalece no século XVIII impulsionado por movimentos como: Humanismo renascentistas, pondo o homem no centro do universo, o Iluminismo “centrado na imagem do homem racional científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida” (pg. 18), na esfera

religiosa o Protestantismo e a Reforma traz uma concepção de religião acessível a todos, não necessitando da mediação da Igreja Católica, na filosofia as Postulações de René Descarte, propondo um método de análise do mundo e o reforço a intelecção nas proposituras de John Locke, propiciam surgimento desse. Esse também é o momento das grandes navegações e da descoberta de novos povos em terras longínquas, tendo esse homem como referência, os descobridores veem as populações como um momento de infância da humanidade, assim sendo, para que se atingisse os padrões de civilidade era necessário que a cultura europeia fosse imposta.

Perceber que os indivíduos se formavam a partir de um processo de educação, e que não havia uma “essência do eu”, transforma a visão sobre a identidade individual, assim o sujeito sociológico é forjado dentro das normas coletiva, e assumindo os papeis que lhe são postos a partir da sua pertença a determinado estrato social, a identidade vai sendo formada a partir da relação entre o indivíduo e a sociedade. (pg.21). Esse modelo de identidade é influenciado pela Sociologia Interativa, surgida na segunda metade do século XX, o Modernismo como movimento intelectual e estético, a saída das pessoas do campo e conseqüentemente das sociedades tradicionais, onde estes passam a habitar as cidades e a trabalhar nas fabricas.

O último sujeito é fruto da modernidade tardia, o sujeito pós-moderno esta descentrado de sua identidade que tinha o poder de vincula-lo a uma nação entendida como geograficamente localizada, partilhando de traços culturais comuns, falantes de um mesmo idioma. Para Hall a teoria psicanalítica de Freud e Lacan, que retira do indivíduo o domínio da sua identidade a partir da consciência, sendo processo de constituição da identidade ocorrido no inconsciente, a teoria linguística estrutural de Ferdinand Saussure, mostra a partir dos estudos sobre a linguagem que o significado da palavra é obtido a partir de uma relação contrastiva com aquilo que ela não é, modifica as análises da identidade como sendo está o oposto do outro, em síntese nas palavras de Hall “O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)” (pg.26). As proposituras de Michel Foucault mostram como algumas instituições são responsáveis pela disciplinarização dos indivíduos, ressaltando a intenção dos governos esses sejam possuidores de uma identidade posta como socialmente aceitável, afastando as peculiaridades.

Outro fator de descentramento do sujeito pós-moderno é a globalização, esta não surgiu na Modernidade tardia, já que a sua principal característica é ligar as diversas

regiões do globo independente das fronteiras regionais, mas no fim do século XX ela toma força a partir dos meios de comunicação de massa, desenvolvimento dos sistemas de transporte, comprimindo as distancias e o tempo, Hall mostra que uma das características da globalização é a “ ‘compressão do espaço-tempo’- a aceleração dos processos globais , de forma que se sente que o mundo é menor e as distancias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar tem um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.” (pg.40)

Esse mundo interligado altera a forma como os indivíduos se percebem, pois o fluxo entre as diferentes fronteiras estão facilitados e a mobilidade cresceu, levando as pessoas a estarem em contato com diferentes culturas e a partir daí desenvolverem forma de convivência com estas que alterando suas identidades. Sobre efeito da globalização auxiliado pelas migrações e a comunicação de massa sobre as identidades Hall (2014) demonstra:

“Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem si, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificações, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.” (pg. 51)

Dentro do contexto da globalização as Identidades vão se tornando híbridas isto ocorre através do processo de “tradução” (Hall, 2014, pg. 52), as diferenças culturais são postas em questão, onde o indivíduo a partir do seu conteúdo indenitário mais enraizado vai dando sentido ao mundo cultural que o rodeia, as culturas híbridas são "o produto de várias histórias e culturas interconectadas” (Hall, 2014, pg. 52). Muitas vezes esses contextos de contatos com diferentes grupos culturais propiciam o acirramento de posições em torno de suas identidades étnicas. Onde as identidades assumem um caráter posicional dentro da estrutura, sendo sempre posta em negociação.

Arjun Appadurai (2004) vai mostrar a partir das “etnopaisagens globais” que as identidades estariam perpassadas por uma tensão entre o global e o local, onde os indivíduos estão distantes do seu lugar, este diferente do espaço, se relaciona com um espaço físico, mas este construído por significados que se vinculam a identidade dos indivíduos. Ao mesmo tempo que o indivíduo está ligado a um lugar que forma a sua

identidade, as migrações e os meios de comunicação de massa os coloca em contato com outras possibilidades de vida, provocando assim tensionamentos, e são estes que se colocam como desafios a serem apreendidos pelos antropólogos, onde o autor aponta como proposta metodológica uma etnografia cosmopolita (pg. 75) que articularia as “vidas imaginadas” e os “mundos desterritorializados”.

Buscaremos então após esse debate mais teórico, demonstrar como a identidade étnica negra vai sendo construída a partir de uma mudança estética, observando que a forma como o cabelo é tratado, o seu aspecto não está ligado apenas a uma questão de beleza, mas pode ser usado como sinal de distinção, símbolo de uma luta e carregar formas de perceber o mundo e sua condição enquanto participante de uma comunidade maior com uma história própria e características que os distinguem dos demais.

3- Meu cabelo, minha identidade: construção indenitária a partir de um referencial estético.

As análises que desenvolveremos aqui se baseiam nas *experiência vividas* pelas mulheres que passaram pelo processo de transição, temos por objetivo dá voz as mulheres que por muito tempo estiveram ausentes na produção científica, usamos como base a metodologia empregada nas análises feministas (Chanteler e Burns, apud in. Somek e Lewin, 2015) que buscam entender as mulheres a partir das suas trajetórias e como os diferentes momentos da vida modificam sua forma de estar no mundo.

Para explicitar os argumentos elaborados pelas mulheres sobre a relação dos seus cabelos com a identidade usaremos dois vídeos postados no youtube onde iremos extrair alguns trechos que sintetizam os argumentos que encontramos em diversos espaços na internet como blogs, facebook, e outras redes sociais, não haveria possibilidade de analisar todo o material disponível pela grande quantidade.

Os dois vídeos selecionados são: a fala de Pâmela Gaino fundadora do projeto URBI- Meu cabelo, Minha identidade⁷, na palestra Tedx Jardins Women no ano de 2013⁸, um segundo material é o vídeo instalação da artista Zina Saro-Wiwa⁹ produzido após o jornal The New York Times encomenda-lo para a série Op-Docs no ano de 2012.

⁷ Mais informação em: https://issuu.com/pamelagaino/docs/urbi_vers_o_2013

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9hB4ebNA7R4>

⁹ Mais informação em: <http://www.zinasarowiwa.com/>

Em todos os vídeos analisados há sempre uma referência a infância e em como nesse momento da vida os comentários negativos, a forma como os cabelos eram cuidados ou a falta deste influenciaram na forma como este é percebido e a relação estabelecida por muitas foi de negação deste.

“... eu não vou mais fazer química no meu cabelo e aí foi o grande desafio por que quando você coloca uma química, quem já tem química ou quem já passou pelo processo com química, seja tintura ou seja química para alisamento, relaxamento progressiva enfim sabe o quanto é difícil viver o momento de transição, quando a raiz começa a crescer as pontas são de um jeito a raiz estava do outro, e aí eu comecei a viver o meu processo de transição, mas eu não estava só vivendo um processo externo, eu estava vivendo um processo interno, por que aí a sociedade inteira me dizia assim: você não vai fazer nada nesse cabelo? Na minha família um dia teve um bolão os meus irmãos se reuniram e falaram assim: o problema é dinheiro? A gente paga para você ir para o salão! Eu quero fazer o meu resgate, eu não sabia mais a textura do meu cabelo depois de 10 anos com química. E aí um dia quando eu estava com quatro dedos de raiz eu resolvi fazer o que as atuais meninas chamam de BC, o grande corte, foi um choque, a minha mãe olhou assim para mim e falou assim: -uau! 5 anos de idade, eu falei o que? Você tem a mesma cara de quando você tinha cinco anos de idade. E aí eu fui ver as minhas fotos de quando eu tinha 5 anos de idade e eu dizia:-uau, sou eu!”
Pamela Gaino, 7:42”-8:57”

“... fui obrigada a encarar o meu cabelo de verdade e fazer isso mudou minha vida. Eu havia intencionalmente passado por uma transição.” ***Zina Saro-Wiwa, 1:26” - 1:32”***

O momento da transição capilar é de fato desafiador, é momento onde a mulher é exposta a um aspecto físico que talvez ela não tenha nem lembrança, além de ter que lidar com as críticas em diversos meios, acredito que por ser um processo tão chocante a transição promove uma radical modificação no modo como a mulher se percebe e como perceber a sociedade.

“Meu cabelo é parte da minha identidade ela traz as minhas origens africanas”
Pamela Gaino, 4:40”

Essa referência a origem africana é parte compositiva dessa identidade, é uma construção que se volta para essas raízes, para essa origem, como demonstrou a antropóloga Robin Sheriff (2001) nos seus estudos sobre a relação com as categorias

raciais são acionadas aqui no Brasil não se dá apenas pelo tom de pele, ou as origens familiares, mas essas questões se relacionam com os caracteres fenotípicos, contexto onde esses marcadores são empregados e as relações estabelecidas com a pessoa.

“... as pessoas dizem assim: as pessoas precisam se reconhecer, se aceitar, né como crespas. Hum hum. Eu já me aceito como sou, eu preciso que a sociedade aceite como nós somos. A sociedade precisa mudar” Pamela Gaino, 14:12” -14:24”

“... crespas e cacheadas precisam ter espaços precisam ser valorizadas pelas suas origens, precisam ser valorizadas por quem elas são...” Pamela Gaino, 16:03” - 16:10”

“Fiquei obcecada por todas as variedades de cachos que agora estavam expostos ao redor de mim. Isso me inspirou a examinar a mim mesma mais de perto. Ver o meu padrão natural de cacho pela primeira vez foi uma revelação... Agora eu estava inspirada para cuidar dele... passar por essa transição mudou a minha relação com todo o meu corpo. Também comecei a tirar fotos de mim mesma e de outras mulheres com cabelo natural depois da minha transição. Essa necessidade de documentar e coletar imagens é comum na comunidade de mulheres com cabelo natural. As imagens nos ajudam a afirmar e celebrar a nossa estética, por que ainda é difícil encontrar cabelos naturais na grande mídia” Zina Saro-Wiwa 2:36” -3:39”

A representatividade é também um a questão fundamental onde as mulheres tem se organizado para ocupar os diversos espaços, buscando visibilidade e que esta traga a empatia e fortalecimento de outras mulheres que vivenciam a mesmas dificuldades de se sentirem belas e seguras por conta dos cabelos.

“Mas embora algumas mulheres de cabelo natural que encontrei, sintam-se felizes em participar do movimento quase nenhuma considera isso algo político, elas evitam qualquer questão relacionada ao ‘black power’ consigo entender porque um movimento altamente individualizado e caracterizado pela alegria, pelo autoconhecimento e por preocupações com a saúde pode, a princípio, não parecer política. Mas em uma américa pós-racial essa transformação silenciosa e interna em direção a aceitação de si mesma é, para mim, o movimento mais poderoso e político de todos” 5:10” -5:45”

Considerações Finais

A partir do que foi exposto nos esforçaremos para apresentar algumas ideias que sintetizam o interesse desse texto, não apontaremos conclusões pois a pesquisa ainda está em desenvolvimento.

O alcance da internet e as redes sociais permitiram que as pessoas entrassem em contato com as várias possibilidades do ser, assim as identidades deixam de ser percebidas como fixas, monolíticas, genérica, ligadas a um referente externo como a nação, para uma identidade mais específica e que liga as pessoas a grupos cada vez menores, se apresentam mais fluidas, onde as conexões são feitas baseadas em gosto, interesses e na auto percepção.

Essa geração de homens e mulheres negros que tem lutando pela aceitação da estética negra tem se auto intitulado *Geração Tombamento*¹⁰, abusando das cores nas roupas, cabelos e maquiagem eles proclamam alegria e empoderamento celebrando as características negras.

Percebemos que a identidade para essas mulheres se constroem em um processo individual de auto aceitação, mas apoiado por outras mulheres que se unem através das redes sócias, enraizando essa identidade em uma cultura africana, que deve ser exaltada em face do preconceito racial na sociedade brasileira.

Mas nem todas as mulheres que usam seus “cabelos naturais” se enxergam como negra ou vinculam esse uso a uma aceitação racial, como todo símbolo diacrítico os cabelos estão em disputas em torno dos seus sentidos, significados e quem são aqueles que tem legitimidade para porta-lo, a exemplo da disputas entre os cabelos crespos e cacheados, onde os crespos seriam considerados mais representativos dos negros vinculados a luta política, por ainda não serem bem aceitos, ao passo que o aspecto cacheado é mais bem aceito

O anseio por mudança na sociedades as mulheres negras tem se organizado em torno daquilo que começaram a chamar de Ativismo de cabelo¹¹, usar o incomodo e a

¹⁰ <http://www.geledes.org.br/tag/geracao-tombamento/>

¹¹ O extrato a seguir exemplifica algumas ideias que circulam nos blogs acerca do Ativismo se Cabelo: “O chamado ativismo de cabelo prega que as mulheres negras não tenham que alisar e maltratar seu cabelo para se encaixar em um determinado padrão de beleza, que é ilusório e cresce em cima da baixa autoestima das mulheres reais, ditando como elas devem ser e o que é ou não bonito.

curiosidade que esses cabelos provocam para conversar sobre aceitação da estética negra e o fim do racismo, exercendo uma militância política informada pelas lutas do movimento negro a partir de um referencial estético

No ativismo de cabelo, percebe-se o cabelo crespo ou cacheado, não como um animal raivoso a ser domado, mas como ancestralidade e característica própria da mulher negra, que deve ser conservada e respeitada quebrando o modelo de “beleza” imposta pela sociedade e mídia que adoram um racismo estrutural.” Leia a matéria completa em: Ativismo de Cabelo - Geledés <http://www.geledes.org.br/ativismo-de-cabelo/#ixzz45R2vf1al> (acessado em 05/04/16)

Bibliografia

APPADURAI, Arjun. Etnopaisagens Globais: notas e perguntas para uma antropologia transnacional. In: Dimensões culturais da globalização. Lisboa. Teorema, 2004.

BARTH, Fredrik: Grupos étnicos e suas fronteiras in: POUTIGNAT, Philippe; FERNART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 187-227.

CHANTELER, Khatidja e CHANTELER, Metodologias feministas. In: Somekh, Bridget e Lewin, Cathy (orgs.). Teoria e Métodos de Pesquisa Social. Petrópolis. Vozes, 2015.

COSTA, Iraneide Santos. Por que o cabelo (não) é ruim. II Congresso internacional de línguas, literaturas e culturas africanas e afroamericanas. Xique-Xique. Bahia. 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “Etnicidade: da Cultura residual mas irreduzível”. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify. 2009.

FENTON, Steve. Etnicidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

FIQUEIREDO, Ângela. Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros. XXVI Reunião da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais. Caxambu. Minas Gerais. 2002.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014

HOOKS, Bell. Alisando nossos cabelos. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: <http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20-%20Alisando%20nosso%20cabelo.pdf>

NUNES, Rita de Cássia e OLIVEIRA, Tatalina Cristina. A beleza negra nos meios de comunicação: Representações do corpo e construções de identidades étnico-raciais. 10º Colóquio de Moda – 7 Edição Internacional -1o Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, Caxias do Sul. Rio Grande do Sul 2014.

PAULA, Rogéria Costa de. Corpo Negro- Mídia e Raça. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, Campinas. São Paulo 2012.

POUTIGNAT, Philippe e FERNART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo, Editora da UNESP, 1998.

QUINTÃO, Adrianna M. P. O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance indenitária. 2013. 196 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

RENAN, Ernest. O que é a nação? Revista Plural, São Paulo, n 4, 1997, p. 154-175.

SANTOS, Luana Bento. Usos e Imagens sobre os Cabelos Crespos das Mulheres Negras. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Niterói/RJ,2012.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: REZENDE, Cláudia Barcellos e Maggie. Yvone (org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001.

SHWARCZ, Lilia. "Questão Racial e etnicidade". In: O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995). Antropologia (VolumeII). São Paulo: Ed. Sumaré: ANPOCS; Brasília: Capes, 1999.

WEBER, Max. "Relações Comunitárias étnicas". In: Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. 4 ed. Brasília: UnB, 2000, pp. 267-277.

ZAGO, Gabriela da Silva. Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características. Revista Ínterim. Curitiba/PR. Vol. 9, n.1, jan./jun. 2010.